

OS ASSOMOS DA FORMAÇÃO MÉDICA NA OBRA DE JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS*

Por Maria José Leal

Foi por altura do solstício de Inverno de 1986 que conheci Endovélico. Quem mo apresentou foi João Aguiar no seu esplêndido livro “A Voz dos Deuses“. Fiquei de tal modo interessada na personagem que parti no seu encalço e empreendi uma busca aturada para o procurar. Esgravatei Arquivos, embrenhei-me nas Bibliotecas, consultei Especialistas, revisei a Lusitânia e a Cultura Clássica, dei uma volta pela Hermenêutica e pela Simbólica; recuei 22 séculos e encontrei-me contemporânea de Viriato, no Alandroal, em S. Miguel da Mota ou no local da Rocha da Mina na ribeira de Lucifécit, antes do saque romano.

Foi por ali e por estas deambulações que fui convivendo com o JOSÉ, pelos seus ensinamentos ia encontrando algumas respostas mas sobretudo muitas novas inquietações; eu fazia o trabalho de *khyros* e tentava abranger o conceito da saúde e da doença no percurso da vida dos humanos, ele o estudioso de muitas ciências, sem esquecer a sua qualidade de *iatros*, tinha largado a prisão da cabeceira dos doentes para se tornar o investigador e o aglutinador de uma infinidade de conhecimentos que parecendo díspares se congregaram numa obra polimórfica, como que um *corpus* do povo português, que melhor nos trouxe ao conhecimento as diversas facetas da nossa história e da nossa identidade.

A vastíssima obra de José Leite de Vasconcelos (JLV) é constituída por muitos e diversificados temas que se estendem por um largo leque abrangendo desde os estritamente científicos aos de género literário: Etnologia/Etnografia, Arqueologia, Filologia, Numismática, Biografia, Ensaio, Critica Bibliográfica, Poesia, etc. No livro de homenagem publicado por ocasião do seu centenário (1858-1958) estão registadas 1234 referências bibliográficas organizadas por Isabel Vilares Cepeda. (1)

Em todos os seus escritos está patente uma análise sociológica muito marcada e no dizer de Orlando Ribeiro, seu discípulo, biógrafo e juntamente com Manuel Heleno seu executor testamentário, “as suas obras serão, no domínio das ciências que cultivou, uma espécie de marco miliário: ou melhor, um cruzeiro de encontro de caminhos”...

“... formam uma espécie de *Monumenta Ethnica* de Portugal desde o Paleolítico até à actualidade”. (2)

Além destas características marcantes, um outro parâmetro – a metodologia do pensamento clínico – está repetidamente patente a denunciar e a atestar a formação científica médica do autor; parâmetro este que não passou despercebido ao olhar atento do jornalista João da Silva Correia que em notas biográficas refere que “o Mestre, que pôs de lado a Medicina, nunca deixou de utilizar o saber médico nas suas obras” (3)

Embora não tendo feito uma leitura exaustiva de toda a obra de JLV, a análise de alguma da sua bibliografia seleccionada evidencia as marcas ou *os assomos* que a sua formação médica deixou indeléveis em grande parte dos seus trabalhos; esta é uma vertente de estudo que julgo inédita e que em 2008, pretendi associar às homenagens no âmbito das comemorações dos 150 anos do

nascimento do JOSÉ, médico natural da Beira Interior, com quem convivi nas sendas de Endovélico(4) e de quem colhi tantos ensinamentos.

José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de Melo nasceu em Ucanha concelho de Mondim da Beira, hoje concelho de Tarouca, a 7 de Julho de 1858, casas meias com a Torre fortificada à contígua ponte sobre o Rio Barosa que cobrava portagem à entrada da coutada que fora propriedade dos monges de Cister desde o século XII e que se estendia aos Mosteiros de Salzedas e de S. João de Tarouca senhorios dos mesmos Beneditinos. Ruínas que o viram crescer a tomar notas em caderninhos a propósito de cada pedra. Filho único de primos co-irmãos descendia de uma família da aristocracia rural, seu avô paterno Rodrigo Cardoso Pinto tinha sido prestigiado médico do exército e do Convento de Salzedas, delegado físico-mor do reino; seu avô materno Tomás Leite de Vasconcelos Pereira de Melo fora juiz de fora e corregedor de Tomar; seu bisavô materno Luís Cândido Furtado marechal de campo que tivera nomeada como cartógrafo.

Aprendeu latim com o Pe. Manuel Pinto do Souto de Granja Nova e francês com o primo Pe. Adriano Pereira de Melo de Vila Cova, assim como era assíduo leitor na biblioteca do tio poeta António Leite Cardoso Pereira de Melo.

As condições económicas familiares tinham atingido a rotura, o seu jovial e folgazão pai José Leite Cardoso Pereira de Melo, protagonista de aventuras políticas e procurador régio ficou no desemprego, extinto que foi o julgado de Mondim da Beira em 1873; Em 1875 o jovem José com 17 anos, estava empregado na Administração de Mondim e do seu ordenado subsistia toda a família pai, mãe D. Maria Henriqueta Leite de Vasconcelos Pereira de Melo e a tia paterna D. Antónia Guilhermina; nessa altura o seu tio poeta António, à data funcionário das obras públicas e mestre-escola no Porto, tomou todo o empenho no prosseguimento dos estudos do seu dotado sobrinho para quem conseguiu um emprego com alojamento no Colégio de Santa Catarina no Porto e ainda um outro emprego no Liceu S. Carlos aonde poderia prosseguir os estudos sem encargos financeiros. A descrição da carga horária dividida por dois empregos e pelo estudo (5) atesta da vida duríssima de trabalhador estudante, da disciplina a que se obrigava assim como da sua enorme capacidade de trabalho.

Fez o curso do liceu de 1876 a 1879 no Colégio de S. Carlos e o de Ciências Naturais na Academia Politécnica do Porto de 1879 a 1881, período em que estudou alemão. Em 1878 publica o seu 1º trabalho de Etnografia realizado durante as férias do Entrudo no Minho em Vila Cova (6) dedicado ao primo Pe. Adriano Leite Cardoso Pereira de Melo.

Com a valiosa ajuda económica de outro primo Manuel Leite Negrão formou-se em Medicina na Escola Médico Cirúrgica do Porto em 1886 tendo feito a dissertação aprovada com louvor “A Evolução da Linguagem” e sido galardoado com o Prémio Macedo Pinto para o melhor aluno finalista. Apesar de tão inequívocas distinções sabemos da sua inquietude quanto ao futuro como médico (à data em final do 3º Ano do curso) bem expressas na carta resposta do filólogo Prof. do Curso Superior de Letras de Lisboa Aniceto Reis Gonçalves Viana de 22.07.1883 que o trata por *Caro Amigo* e o aconselha *...a não desistir do Curso de Medicina... o curso superior de Letras só por si que futuro lhe dá?*

Depois de uma breve estada com consultório no Porto, em Junho de 1887 foi para o Cadaval como Delegado de Saúde onde ressoam os seus amargos queixumes sobre as inadiáveis e assoberbantes tarefas que não lhe deixam nem

tempo nem disponibilidade para outras actividades que até à data tinha conseguido conciliar... *já há muito tempo que não abro um livro que não seja de medicina... sou para aqui um atormentado às ordens de todos os que adoecem... que me importa a mim o dinheiro que eu ganho, se actualmente não tenho outro horizonte senão as cabeceiras dos enfermos?* (5) Aí permaneceu cerca de seis meses e apesar dos seus lamentos ainda encontrou réstias de tempo para a exploração do vizinho Castro de Pragança.

Era um médico interessadíssimo pela Ciência Médica mas que não gostava de tratar doentes, a sua craveira científica noutros âmbitos era por demais conhecida e foi chave para outras portas. Tomou a opção de se libertar da prisão da cabeceira dos doentes que lhe era tão penosa e que lhe coarctava os largos horizontes de trabalho a que se propunha.

Em Fevereiro de 1888 pede a demissão do cargo para tomar posse como Conservador da Biblioteca Nacional em Lisboa para onde tinha sido nomeado em finais de 1887. Aí é professor de Numismática, funções que acumula com professor do Liceu do Carmo assim como de Colégios particulares. Em 1887 funda a *Revista Lusitana*, estudos Filológicos e Etnológicos, “dos mais ricos acervos da boa erudição portuguesa” (5) cujo primeiro número é publicado em 1889 com textos de Carolina Michäelis, Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Martins Sarmiento, Leite de Vasconcelos, entre outros autores de reconhecida erudição, e que perdurou até 1943; o derradeiro 38º volume ainda por ele elaborado teve edição póstuma.

Em 1893 JLV consegue, pelo interesse cultural do Ministro Bernardino Machado, a fundação do Museu de Etnologia aonde é preservado o espólio de Estácio da Veiga (1828-1891), assim como peças da pré-história lusitana e proto-história romana por ele próprio recolhidas; dois anos depois, como órgão do Museu, edita a Revista “O Arqueólogo Português”, que até hoje se mantém como publicação do subsequente e actual Museu Nacional de Arqueologia (MNA), tendo sido editado em 2008 o Volume 26 da IV série, número especial de homenagem ao seu Director fundador.

No âmbito das comemorações (7) esteve patente no Museu Nacional de Arqueologia, em Maio, e depois na Torre de Ucanha, em Setembro, uma Exposição de Desenhos “José Leite de Vasconcelos: Memória, Legado e Património” da Escola Secundária do Monte de Caparica sob a orientação das professoras Isabel Mendes e Luzia Lourenço. Entre algumas dezenas de trabalhos pictóricos realizado pelos alunos, um deles repetindo sob diversas versões o perfil do homenageado é um emblemático visual dos seus múltiplos interesses.

Um dos interesses permanentes e primordiais que atesta os *assomos* da formação médica de JLV foi a LINGUAGEM – *no princípio era o Verbo* – que estudou sob diversos aspectos: Filologia, Glotologia, Fonética, Linguagem Gestual, Linguagem Infantil, Patologia da Linguagem, etc. Em todos estes estudos está patente a componente anatómica, fisiológica, neurológica, psicológica, sociológica que presidem e que interferem com a mesma e entre si, e que constituem um paradigma do saber médico numa forma integrada que nos conceitos actuais as neurociências tanto têm desenvolvido. Poder-se-á dizer que JLV tinha mesmo uma “fixação glótica”, ele que não era um orador nato... e que por coincidência ou não, frequentou no Porto o Hospital Goelas de Pau...

Além das anotações primevas da sua juventude sobre ditos e expressões, o seu assumido enveredar científico pela Linguagem ocorreu quando tomou

conhecimento do dialecto mirandês em 1882 (cursava o 2º ano de Medicina) através do seu *Espírito Santo mirandês* Manuel António Branco de Castro natural de Miranda do Douro e estudante da Academia Politécnica, cujo encontro narra: *Nunca me esquecerá tal Domingo! ...o dia em que pela primeira vez na minha vida ouvi falar seguidamente mirandês, e em que esbocei as primeiras linhas da sua gramática...* (2), (8). Este trabalho sobre “O Dialecto Mirandês” valeu-lhe o prémio da Societé des Langues Romanes – Montpellier França 1883.

“A Evolução da Linguagem” é o tema da tese de Licenciatura em Medicina (9), no dizer de Hernâni Cidade ... *o surto filológico ergue-se já alto, mas de sólida base de estudos médicos. Além do estudo do aparelho fonador e das próprias condições e determinantes fisio-psicológicas há curiosas observações das relações entre a extensão da frase e o tempo do movimento respiratório e há a compendiação de todas as formas de patologia da linguagem, com algumas das quais procura penetrar no mistério da origem deste instrumento de comunicação* (10).

Ainda sobre a Linguagem há a referir a sua tese de Doutoramento em Filologia Românica na Universidade de Paris “Esquisse d’une Dialectologie Portugaise” – (Thèse pour le Doctorat de l’Université de Paris Faculté des Lettres Paris – Lisboa, Aillaud et Cie, 1901 (1) que será a sua chave de entrada para a Faculdade e Letras aquando da criação da mesma em 1911 em substituição do Curso Superior de Letras de Lisboa, como professor de Filologia Portuguesa.

Inúmeros são os seus estudos e contribuições no domínio da linguagem, nomeadamente a gestual, de salientar os artigos publicados no Jornal O Dia: “Instituto de surdos-mudos de Lisboa” e “Ensino de surdos-mudos” respectivamente em 06 de Setembro de 1889 e 13 de Outubro de 1890.

Inúmeras e diversas foram as suas Críticas Bibliográficas mas no que concerne a temas médicos são de destacar as referentes às seguintes obras (1):

“Manual de Doenças Mentais” da autoria de Júlio de Mattos Porto 1884, no Jornal Discussão de 12 de Agosto de 1884;

“Notas Physio-Psycologicas sobre a Linguagem” da autoria de Adolpho Coelho Rev Neur Psy 1888 nº1, na Revista Lusitana Vol I 1887-1889

A sua grande obra, no dizer dos seus biógrafos, RELIGIÕES da LUSITÂNIA veio à estampa em três volumes – Imprensa Nacional, Lisboa – em 1897, 1903 e 1913, este último mais de vinte anos depois do seu primeiro ensaio sobre o tema em 1890 (11), atestando o cuidado e a maturação da sua serenidade científica. No Prólogo, Vol I pp XXV-VI, volta ao tema Linguagem que utiliza para justificar as razões que o opõem a Alexandre Herculano acerca das origens da nacionalidade entrosada nos Lusitanos facto que o historiador não admitia pela não coincidência territorial. Orlando Ribeiro resume o pensamento de JLV...*é no estudo da Língua, diferenciada e unificada antes do Estado...que se pode procurar o nexu de Lusitanos e Portugueses* (2)

Endovélico deus tutelar da Medicina com o seu templo na Rocha da Mina junto à Ribeira de Lucifécit em Terena no Alandroal, transferido após o saque romano para outro local ... mais uma vez destruído e cristianizado depois em São Miguel da Mota (com devoção ao orago Miguel/Michael, o que está vez de Deus, e que desempenhou nos primeiros tempos da nova fé os atributos tutelares da Medicina) é o baluarte desencadeante deste seu monumental trabalho. Perante este e outros santuários perdidos JLV penetra no passado

remotíssimo dos nossos ancestrs numa prosa poética que o autor não descarta como estilo literário ...*até a minha imaginação evocou as sombras dos mortos de há milhares de anos, e com elas falei acerca dos tempos passados e das coisas de além túmulo* (12); outras vezes esta incursão é feita pela via da Poesia (1) (13), mas sempre presente e a falar bem alto qualquer que seja o estilo, estão os *assomos* da sua formação médica. Temas como a trepanação, as práticas de cura, os ex-votos, etc. são abordados pela vertente da Etnologia, da Arqueologia em que JLV era douto, mas a abordagem e as descrições têm a marca indelével do cientista que estudou Medicina.

Em 26 de Junho de 1925 proferiu uma Conferência na Faculdade de Medicina do Porto A FIGA ESTUDO DE ETNOGRAFIA COMPARATIVA – Precedido de Algumas Palavras a respeito do “Sobrenatural” na Medicina Popular Portuguesa – por ocasião do I Centenário da Régia Escola de Cirurgia do Porto, em que com todo o seu engenho amadurecido e polimórfico aborda o tema descrevendo a *fascinação*, contra a qual a figa e outros amuletos são usados, como uma doença típica segundo e seguindo a descrição de todas as etapas de uma história clínica – sintomas, diagnóstico, tratamento (14).

Em 12 de Dezembro do mesmo ano é a vez da Faculdade de Medicina de Lisboa festejar o Centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa, JLV aproveita o ensejo para prestar homenagem *À memória do meu avô paterno Rodrigo Cardoso Pinto da vila de Ucanha, Bacharel em Filosofia, e formado em Medicina, pela Universidade de Coimbra, † 1819* com a apresentação do seu trabalho MEDICINA DOS LUSITANOS (15). Voltando à definição da relação histórico cultural entre Lusitanos e Portugueses são analisados numa inconfundível linguagem médica desde os amuletos, a trepanação, a cirurgia e os seus instrumentais, a sangria, a tatuagem, até às terapêuticas fontes termais e ao arsenal herbário em uso.

JLV foi um recolector mais descritivo do que interpretativo no dizer de Orlando Ribeiro (2). A sua monumental obra é o resultado de um labor constante que cedo se iniciou e que perdurou com um entusiasmo e com um empenhamento bem expressos na senha que tomou por divisa: *no estudo consiste o prazer* e que, apesar da diabetes que o vitimou, se mantiveram acesos praticamente até ao seu falecimento em Lisboa a 17 de Maio de 1941.

A vida do homem José foi uma amálgama de factos e circunstâncias que ele soube gerir em função dos seus objectivos de investigação dos antepassados do povo português que ele tão bem conheceu e analisou através da linguagem, dos costumes, dos artefactos; dela nos dá notícia de forma sintetizada mas muito explícita a Fotobiografia publicada no âmbito das comemorações do 150º aniversário do seu nascimento (16), reproduzindo uma plêiade de documentos que marcam as diversas etapas da sua trajectória científica e pessoal.

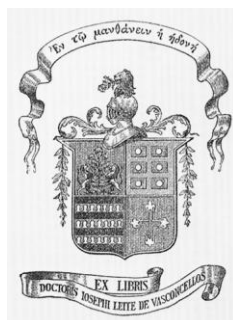
E, como remate, um obrigado ao Prof. de Filologia do Curso Superior de Letras de Lisboa Aniceto Reis Gonçalves que em carta de 22 de Julho de 1823, aconselha o jovem José, estudante do 3º ano do curso de Medicina da Escola Médico Cirúrgica do Porto a não desistir do curso de Medicina. O José que tinha dúvidas quanto à sua vocação como clínico e que pressentia não gostar da cabeceira dos doentes. Um conselho avisado, caso contrário a monumental obra que JLV nos legou, essa *Monumenta Ethnica* de Portugal, sem o enriquecimento subtil ou evidente dos *assomos* da sua formação médica, não seria tão monumental.

Bibliografia:

- (1) Cepeda IsV “Bibliografia de José Leite de Vasconcelos” *in* “José Leite de Vasconcelos Livro do Centenário (1858-1958)” pp139-269; Imprensa Nacional; Lisboa 1960
- (2) Ribeiro O “Vida e Obras de José Leite de Vasconcelos” *in* Centenário op cit 93,87,69,88
- (3) Correia JS “Algumas notas biográficas sobre José Leite de Vasconcelos” *in* Centenário op cit 7
- (4) Leal MJ “A Casa de Endovélico” Minerva; Lisboa 2002
- (5) Guerreiro MV “Notas para uma Biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos” *in* Centenário op cit 110-37
- (6) Leite de Vasconcelos “O Presbiterio de Vila Cova” *in* O Académico nº 3,4,5,6; Porto 1878
- (7) Raposo L “Programa comemorativo do 150º aniversário de nascimento de José Leite de Vasconcelos (actividades promovidas ou apoiadas pelo Museu Nacional de Arqueologia)” *in* O Arqueólogo Português Volume 26 série IV 45-54; Museu Nacional de Arqueologia; Lisboa 2008
- (8) Leite de Vasconcelos “Estudos de Philologia Mirandesa Tomo I 3-5 Imprensa Nacional; Lisboa 1900
- (9) Leite de Vasconcelos “A Evolução da Linguagem” reed. Opúsculos I nº 702; Imprensa da Universidade de Coimbra; Coimbra 1928
- (10) Hernâni Cidade “Leite de Vasconcelos” *in* Centenário op cit 37
- (11) Leite de Vasconcelos “O Deus Lusitano Endovellico” *in* O Dia; 25 de Maio 1890; reed Opúsculos V 197-206
- (12) Leite de Vasconcelos “Religiões da Lusitânia” Tomo I XXXVI; 3ª ed. Imprensa Nacional; Lisboa 1988
- (13) Barroso MS “A lira, a pedra, a formosa fonte. Tópicos para uma leitura da poesia de José Leite de Vasconcelos” *in* O Arqueólogo op cit 433-50
- (14) Leite de Vasconcelos “A Figa...” Araújo e Sobrinho Ed. Porto 1925.
Reed. “Signum Salomonis, A Figa, A Barba em Portugal” Publicações Dom Quixote; Lisboa 1996
- (15) Leite de Vasconcelos “Medicina dos Lusitanos” Ed. Faculdade de Medicina de Lisboa; Lisboa 1925
Reed. Aumentada com Introdução de Maria do Sameiro Barroso CELOM (Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos); Lisboa 2008
- (16) Coito LC e al. “José Leite de Vasconcelos – fotobiografia” Verbo Ed. Lisboa 2008

*Comunicação nas XX Jornadas de Estudo MEDICINA NA BEIRA INTERIOR DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉC. XXI Castelo Branco em 8 de Novembro 2008
Cadernos de Cultura, Castelo Branco pp.119-124 nº 23 - Novembro de 2009
www.historiadamedicina.ubi.pt/
Comunicação na sede da Ordem dos Médicos em 13 de Novembro de 2013 na Reunião do NHMOM

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS



***no estudar
consiste o
prazer***

38